

# Contribuições de Paulo Freire e Maurício Tragtenberg para o campo curricular

Maria Luiza Lúcio\*

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as contribuições dos pensadores Paulo Freire e Maurício Tragtenberg para o pensamento educacional brasileiro, em especial no campo dos estudos curriculares. De caráter bibliográfico, este ensaio expõe, de forma breve, alguns conceitos importantes dos autores, como autonomia, conscientização, dialogicidade e autogestão, bem como a crítica feita por Tragtenberg sobre a burocracia presente nas Instituições. Tais conceitos são entrelaçados ao campo curricular, elemento importante e não neutro, presente nas escolas. Freire e Tragtenberg fundaram os pilares de uma pedagogia libertária, pautada nos ideais democráticos e na valorização do saber popular. O legado deixado por esses autores tem influenciado o pensamento de muitos educadores brasileiros e repercutido internacionalmente, dada a profundidade filosófica de suas ideias. Certamente, uma reforma educacional e uma reflexão sobre a prática docente devem considerar os escritos desses autores a partir de uma visão mais humana e integral dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação Libertária. Currículo. Autogestão. Burocracia.

## Palavras iniciais

O pernambucano Paulo Reglus Neves Freire, nascido em setembro de 1921, trouxe incontáveis contribuições à educação brasileira. Diplomado em Direito, não exerceu a advocacia, voltando-se à área educacional, estruturando um método de alfabetização de adultos. Suas ideias inspiraram – e continuam inspirando – educadores em todos os lugares, dada a dimensão e profundidade filosófica de seu pensamento.

Sua vida, marcada pelo envolvimento político, cultural e social por onde andava, oportunizou-lhe ocupar algumas posições em cargos de gestão e liderança, atuando também como professor universitário e Secretário de Educação em São Paulo. Suas fortes convicções e ideologias fizeram com que Freire conquistasse muitos admiradores – e inimigos também –, justamente por suas ideias serem divergentes ao

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Linha Políticas Educacionais, Ensino e Formação. Integrante do Grupo de Pesquisa ITINERA/UFSC – (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/41396>). Pedagoga no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC/Campus Palhoça Bilingue (Libras/Língua Portuguesa).  
E-mail: malu.pedagoga@gmail.com

pensamento do governo conservador da época. Assim, permaneceu em exílio por um longo período, viajando por diversos países, tornando suas ideias conhecidas.

Autonomia e práxis são conceitos freireanos amplamente conhecidos. A alfabetização de jovens e adultos difundida por Paulo Freire buscava a emancipação e a autonomia dos sujeitos em seu processo formativo. Colaboração é palavra-chave na compreensão de seu método. Em sua militância na luta de classes, Freire via o conhecimento como um processo social. De busca, na interação com o outro, de um saber libertador que pudesse transformar a realidade desigual a partir de um movimento dialético. Movimento esse que almejava um espírito crítico e progressista, baseado nos ideais marxistas e no pensamento *gramsciano*<sup>1</sup>.

Ao denunciar a opressão fundou bases revolucionárias, uma espécie de “pedagogia da resistência”, ao afirmar a célebre frase: “Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67). Sem dúvida, sua vasta experiência em outros territórios o fez ser conhecido – e atualmente reconhecido – internacionalmente, seja por suas obras, discursos, pensamentos ou leitura de mundo.

Maurício Tragtenberg, gaúcho, nascido em novembro de 1929, de ascendência judaica. Importante sociólogo brasileiro, intelectual engajado na defesa da autogestão e um forte crítico da burocracia das instituições. Não adequando-se à estrutura e regras da escola regular formal, tornou-se autodidata, tendo grande influência de autores como Rosa Luxemburgo, Marx, Ferrer e Trotsky, uma vez que seu falecido pai havia deixado muitos livros a sua disposição, permitindo, assim, que Maurício desenvolvesse o hábito do estudo e da leitura. Sua vivência destacou-se pelas aproximações políticas – tanto em termos gerais quanto na atuação em partidos políticos – fato que lhe permitiu conhecer diversos intelectuais, entre eles Florestan Fernandes.

Sua formação também teve a influência do Centro de Cultura Social, de cunho anarquista. Sua frequência assídua às bibliotecas e contatos/amizades foram de grande importância na formação de seu pensamento. Seus ideais fundamentam-se na crítica à “burocracia pedagógica” e na autogestão como elemento fundamental de organização institucional.

---

<sup>1</sup> Antonio Gramsci (1891-1937), filósofo italiano de base marxista e cofundador do Partido Comunista Italiano. Pregava por uma mudança de mentalidade na transformação social e via a escola como uma das Instituições responsáveis por desenvolver o pensamento crítico. Um dos pilares centrais de seu pensamento é o conceito de hegemonia.

Sem dúvida, os escritos de Freire e Tragtenberg complementam-se e são mais atuais do que nunca. Ambos contribuíram de forma consistente para o pensamento educacional atual, refletindo ideias e práticas no campo curricular brasileiro.

## Diálogo e conscientização no processo educativo

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História (FREIRE, 2006, p. 136).

Essa frase de Freire retrata bem a centralidade de suas ideias: sujeito em permanente construção, inconcluso. Ao salientar que ensinar exige disposição para o diálogo, em sua famosa obra “Pedagogia da Autonomia”, o educador ressalta a horizontalidade como elemento indispensável na relação entre os sujeitos, mais especificamente entre educando e educador. Ao discorrer sobre a aproximação com os jovens e adultos, seu discurso traz à tona a importância do diálogo para o desenvolvimento individual e coletivo.

Conhecer a realidade dos sujeitos, eis uma peça chave na construção de uma pedagogia libertadora. E, certamente, a compreensão do ato educativo enquanto ato político. Político porque implica em conhecer as mazelas sociais, reconhecendo a necessidade de atuar em sua resolução de forma crítica e investigativa, tendo como ponto inicial a curiosidade e a inquietação dos problemas vivenciados cotidianamente. Educativo porque configura-se em um constante aprendizado ao longo da vida e seu sentido é mais amplo, não ocorrendo apenas nos espaços formais de aprendizagem. Em certo sentido, o educador defende quebrar a “cultura do silêncio”, denunciando formas específicas de consciência dominada.

Para Freire, “[...] não há conscientização popular sem uma radical denúncia das estruturas de dominação e sem o anúncio de uma nova realidade a ser criada em função dos interesses das classes sociais hoje dominadas” (FREIRE, 1981, p. 66). Nesse sentido, Freire destaca que a consciência crítica se dá por meio da práxis – ação e reflexão-ação. Tal pensamento converge com os ideais e princípios defendidos por Tragtenberg ao criticar a estrutura dominante e burocratizada das Instituições.

Importante ressaltar que, para Freire, ninguém conscientiza ninguém. Esse processo de conscientização ocorre pela interação e processo dialógico entre os sujeitos, em um movimento dialético de reflexão crítica sobre a ação anterior e a ação seguinte ao processo de luta (FREIRE, 1981, p. 88). É esse movimento que deve estar

presente no cotidiano das Instituições, na construção de um currículo mais significativo para os educandos e menos burocratizado.

## **Educação burocrática x educação libertária: binômio presente**

Freire e Tragtenberg já destacavam a importância da autogestão entre os sujeitos das classes exploradas como alternativa na mudança de consciência de seu papel e atuação social. O próprio Tragtenberg já afirmava: “[...] do mesmo modo, a participação de organizações operárias ou camponesas chamadas a discutir seus problemas poderiam constituir pontos de orientação rumo a soluções possíveis” (TRAGTENBERG, 1982, p. 19). Os princípios libertários foram “sonhados” por Tragtenberg fora dos muros escolares, mas, a partir de sua vivência concreta, passou a criticar o papel dos sindicatos e partidos políticos que serviam aos interesses dos dirigentes do capitalismo (empresariado, etc.).

Sua crítica ao modelo escolar disciplinante, punitivo e controlador o fez comparar a escola a uma Instituição capitalista em que “a nota equivale ao salário, recompensa pelo trabalho realizado” (TRAGTENBERG, 1982, p. 41). Ao manter alguns padrões nos processos burocráticos, impessoalidade nas relações entre os sujeitos e resistência à mudança, esses aspectos administrativos muitas vezes são sobrepostos às ações pedagógicas. Pensando a escola enquanto elemento mantenedor da ideologia dominante, que inculca “verdades”, tais imposições ideológicas não ocorrem somente no discurso, mas, também, nas práticas cotidianas de implementação de regulações e regramentos, bem como aquilo que é selecionado para ser ensinado.

Mas e o que constitui a pedagogia libertária? Maurício Tragtenberg defendia os mesmos princípios elencados por Freire: autonomia, autogestão, reconhecimento e valorização do saber dos trabalhadores. Em síntese, ambos pregavam a transformação da escola. A pedagogia “antiburocrática” de Tragtenberg exigia “[...] a união indissolúvel entre trabalho e pesquisa, entre a teoria e a prática” (SILVA, 1999, p. 16). Tal como Freire que propunha uma unidade dialética entre sujeito e objeto, teoria e prática, ensinar e aprender como aspectos indissociáveis.

O binômio educação burocrática x educação libertária é mais atual do que se imagina. A burocracia, tão presente nas Instituições hoje, prende docentes e estudantes em uma lógica capitalista e empresarial competitiva, mensurada nas provas, notas e classificações. Burocratiza o processo de ensino e aprendizagem quando todos dependem de um sistema que gere e comprove o “aproveitamento” dos estudantes. Na prática, a educação libertária ainda é vislumbrada como possibilidade a ser alcançada, pois permeia os discursos de muitos profissionais. Alguns de seus elementos, como a

autonomia dos educandos, tentam ser implementados na busca por um currículo mais atraente e inovador, embora ainda reproduzam princípios da “educação bancária”, contestada por Freire por tão somente “depositar” conhecimentos na mente dos jovens.

## E o currículo?

A educação já não constitui ocupação ociosa e sim uma fábrica de homens utilizáveis (TRAGTENBERG, 1982, p. 35).

Uma estrutura curricular baseada nos princípios da pedagogia libertária deve priorizar os conhecimentos necessários à vida dos estudantes e não ser uma mera seleção de conteúdos que atendam a um sistema burocratizado. Paulo Freire já defendia a construção do conhecimento a partir dos temas geradores, de caráter interdisciplinar, valorizando o conhecimento popular e prévio dos educandos. Somente por essa via seria capaz de promover a emancipação dos sujeitos para agirem de forma autônoma, com o objetivo de atuarem politicamente na sociedade.

Todavia, conforme Tragtenberg, “[...] o conhecimento escolar é usado no quadro de problemas surgidos da prática escolar com objetivos definidos: dar notas, classificar e sancionar os indivíduos” (TRAGTENBERG, 1982, p. 42). Historicamente – e atualmente – a memorização é mais valorizada se comparada à produção do conhecimento. E esse conhecimento nem sempre está relacionado à experiência do educando, tornando-se, hoje, artigo de consumo quando apresentado na forma de programa (SILVA, 1999, p. 11).

Conforme Freire defendia, textos com real significado, distanciando-se da mera decodificação de sílabas e palavras descontextualizadas, deveriam fazer parte do cotidiano de jovens e adultos inseridos em seu método. Mas o “aprender pensando” ainda é um desafio na educação contemporânea. Não é tarefa simples formar seres pensantes quando a mídia, por exemplo, “bombardeia” os sujeitos com incontáveis mensagens e informações que não os permitem pensar e refletir sobre suas vidas e seu processo formativo. Tomar o conhecimento enquanto processo social exige que nossa consciência seja transformada para, assim, transformarmos a realidade desigual que vivemos.

Considerando o currículo como construção histórica e submetido a processos políticos, culturais e ações de poder, é compreendido como um terreno instável e não neutro. Imerso em contradições, reproduz a ideologia dominante e, segundo Apple (1982, p. 19):

[...] o conhecimento que agora se introduz nas escolas já é uma escolha de um universo muito mais vasto de conhecimento e princípios sociais possíveis. É uma forma de capital cultural que provém de alguma parte, e em geral reflete as perspectivas e crenças de poderosos segmentos de nossa coletividade social. Já na sua produção e propagação como mercadoria econômica e pública - na forma de livros, filmes, materiais, e assim por diante - é continuamente filtrado através de vínculos ideológicos e econômicos. Valores sociais e econômicos, portanto, já estão engastados no projeto das instituições em que trabalhamos, no 'corpus formal do conhecimento escolar' que preservamos em nossos currículos, nas nossas maneiras de ensinar, e em nossos princípios, padrões e formas de avaliação.

Tal seleção de conhecimentos formais instituídos nas escolas serve aos interesses econômicos e, mais precisamente, na atualidade, para atender às habilidades de trabalho exigidas pela nova economia ou, tal como diria Tragtenberg, "fábrica de homens utilizáveis". Princípios como inovação, criatividade e flexibilidade, que também estão presentes nas grandes corporações, camuflam a verdadeira intenção da classe dominante. Considerando tal contexto: qual seria o sentido em formar homens e mulheres pensantes?

Scocuglia (2018), ao citar o discurso freireano, lembra-nos que o educador não negligenciou os problemas educacionais em seus escritos, pois

Um discurso que, ao pugnar pela necessidade da ação dialógica como matriz da pedagogia do oprimido, não se esquece do autoritarismo e da precariedade qualitativa de grande parte das nossas escolas que contribui para a produção do fracasso das crianças, dos jovens e dos adultos das camadas sociais subalternas (SCOCUGLIA, 2018, p. 205).

Apesar da esperança era necessário denunciar o autoritarismo presente nas Instituições, bem como o currículo descontextualizado ao qual eram submetidas as crianças, jovens e adultos pobres por meio de uma educação precária que perpetuava - e ainda perpetua - o fracasso escolar e não concede oportunidades a esses sujeitos. Daí a necessidade de difundir os ideais de Freire e Tragtenberg na promoção de uma educação revolucionária que tenha condições de modificar a estrutura existente, a começar pelo questionamento de determinadas práticas cotidianas que nada servem para o progresso dos estudantes. E sim incentivar nossas crianças, jovens e adultos a exercerem sua curiosidade e desejo crítico por meio da pesquisa de temas que tenham real sentido para esses sujeitos, contribuindo de forma individual e coletiva, social.

## Considerações finais

Em seus escritos Paulo Freire deixou um legado de ética e respeito ao ser humano, inquestionável, desenvolvendo sua pedagogia nas dimensões antropológicas, epistemológicas e sociopolíticas, considerando o sujeito em seu processo formativo como um ser integral e em constante aprendizado. Pregava a ética da libertação – enquanto processo dialético –, humanista, reflexiva, solidária e comprometida socialmente. Deixou uma herança acadêmica e social ao defender a indissociabilidade entre teoria e prática, não menosprezando o saber popular e valorizando a organização dos trabalhadores ao considerar a unidade entre escola-trabalho.

Seus princípios democráticos nos permitem pensar uma organização escolar e curricular capaz de ver o educando como centro do processo de aprendizagem. Também defendido por Tragtenberg, o diálogo é um dos principais componentes do fazer educativo e também elemento imprescindível na construção de uma educação conscientizadora e transformadora da realidade. Ambos os educadores defendiam os pilares da autogestão, autonomia e solidariedade.

Um traço marcante de Maurício Tragtenberg foi a crítica sem precedentes à burocratização nas Instituições e ao fetichismo dos partidos e sindicatos, fato que vivenciou em sua trajetória pessoal e profissional. Sua visão anarquista permitiu-lhe estar muito à frente de seu tempo, tornando-se um pensador muito atual. Em sua visão o professor é um orientador e o esquema de avaliações, notas e classificações não faz qualquer sentido. A partir dessas premissas denuncia a função reprodutora da escola, que serve aos interesses da ideologia dominante.

Tragtenberg e Freire realizaram em suas obras importantes reflexões sobre o pensamento educacional brasileiro, influenciando pensadores e educadores mundo afora. Seus ideais serviram não apenas para pensarmos no currículo, mas para refletirmos sobre o papel da escola na sociedade – e a influência da sociedade sobre a escola.

## Referências

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

TRAGTENBERG, M. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Cortez, 1982.

SILVA, A. O. da. Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 6, 1999, p. 7-20. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v6\\_artigo\\_antonio.pdf](http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v6_artigo_antonio.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SCOCUGLIA, A. C. As interconexões da pedagogia crítica de Paulo Freire. **Filos. e Educ.**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 200-232, jan./abr. 2018.